

## NOTA INTRODUTÓRIA: DER NAME SPINOZA

(CARL GEBHARDT)

EMANUEL ANGELO DA ROCHA FRAGOSO \*

Carl Gebhardt nasceu em Frankfurt am Main (Alemanha) em 8 de Abril de 1881 e faleceu na mesma cidade em 25 de Julho de 1934. Formou-se em 1899 pela Universidade de Heidelberg em Direito e Filosofia, onde foi aluno de Kuno Fischer. Sua tese de doutoramento intitulada *Abhandlung über die Verbesserung des Verstandes* [Tratado da Melhoria do Intelecto] foi defendida em 1905. Desde então Gebhardt dedica-se aos estudos de Benedictus de Spinoza, publicando em 1908 a tradução do latim para o alemão do TTP [Tratado Político-Teológico], *Theologisch-politischer Traktat*. Em 1914 traduz a Correspondência de Spinoza: *Briefwechsel*. Em 1922 publica o KV ou *Korte Verhandeling* de Spinoza: *Kurze Abhandlung von Gott, dem Menschen und seinem Glück* [Breve Tratado de Deus, do Homem e do seu Bem estar].

Em 1920 participa da fundação da *Societas Spinozana* e da revista *Chronicon Spinozanum* da qual foram publicados cinco volumes: I em 1921, II em 1922, III em 1923, IV em 1926 e o V em 1927. Gebhardt publicou em todos os volumes, com artigos ou notas, como o artigo *Spinoza und der Platonismus* [Spinoza e o platonismo] e a nota *Der name Spinoza* [O nome Spinoza] no volume I; *Spinozismus und Transcendentalphilosophie* [Spinozismo e Filosofia Transcendental] e a nota *Spinoza im porträt* [Spinoza em retrato] no volume II; o artigo *Juan de Prado* e a nota *Spinoza gegen [Arnoldus] Clapmarius* [Spinoza contra Clapmarius] no volume III; o artigo *Rembrandt und Spinoza* [Rembrandt e Spinoza] e a nota *Varia Spinozana* [Novas sobre Spinoza] no IV volume e o artigo *Domus Spinozana* [Casa de Spinoza] no volume V (último).

Sem sombra de dúvida, a obra pela qual Gebhardt é mais conhecido é a sua edição das obras de Spinoza, que ao longo dos últimos oitenta anos se consolidaram como a edição crítica e de referência para os estudos de Spinoza. Iniciada em 1925 e com o último volume somente concluída *post mortem* em 1987, os primeiros quatro volumes da *Opera* de Spinoza foram publicados com recursos da *Heidelberger Akademie der Wissenschaften* [Academia de Ciências de Heidelberg], pela editora Carl Winter na cidade de Heidelberg e republicados em 1972. O último volume só seria publicado em 1987. No **volume 1** encontramos as duas versões do *Korte Verhandeling van God, De Mensch en des zelfs Welstand, Renati Des Cartes Principiorum philosophiae pars I, II, Cogitata metaphysica, Compendium grammatices linguae Hebraeae*. No **volume 2** o *Tractatus de intellectus emendatione*, e a *Ethica*. No **volume 3** o *Tractatus theologico-politicus*, as *Adnotationes ad Tractatum theologico-politicum* e o *Tractatus politicus*. No **volume 4** as *Epistolae*, o *Stelkonstige Reeckening van den Regenboog* e *Reeckening van Kanssen*. Por fim, no **volume 5** os comentários de Gebhardt sobre as obras de Spinoza: *Supplementa. Kommentar zum Tractatus theologico-politicus*, os *Kommentar zu den Adnotationes ad tractatum theologico-politicum*, *Kommentar zum Tractatus politicus* e *Einleitung zu den beiden Traktaten*.

O artigo a seguir, *Der name Spinoza* [O nome Spinoza] foi publicado no volume I da revista *Chronicon Spinozanum* no ano de 1921. Nele, Gebhardt apresenta uma análise linguística e histórica das formas de escrita empregadas pelos comentadores para o nome do pensador holandês ao longo do século XIX e início do XX. Após descrever as dificuldades de se resolver esta questão satisfatoriamente, dificuldades inclusive postas pelo próprio Spinoza, Gebhardt conclui

\* Professor do CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE e Coordenador do GT BENEDICTUS DE SPINOZA - ANPOF 2012.

que a forma *Spinoza*, transmitida pela tradição é em termos linguísticos a mais correta.

Mesmo não concordando com Gebhardt, pois esta questão ainda está longe de se resolver, não podemos deixar de reconhecer o esforço intelectual e o nível argumentativo apresentado pelo grande comentador alemão em defesa de sua posição.

*Emanuel Angelo da Rocha Fragoso*

Primavera de 2012

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GEBHARDT, Carl. *Der Name Spinoza*. In: **Chronicon Spinozanum**. Tomus Primus. Hagæ Comitum, curis Societatis Spinozanæ, p. 272-276, MCMXXI [1921].

\_\_\_\_\_. **Spinoza Opera**. Im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg: Carl Winter, 1925; 2. Auflage 1972, 4v.



## TRADUÇÃO: O NOME SPINOZA

CARL GEBHARDT

TRADUÇÃO DE ACELINO PONTES \*

REVISÃO TÉCNICA DE SÉRGIO LUÍS PERSCH \*\*

A pesquisa de Spinoza do século 19 recepcionou o nome do filósofo da tradição sem confrontação. Em 1903, quando Willem Meijer publicou a *Nachbildung der im Jahre 1902 noch erhaltenen eigenhändigen Briefe des Benedictus Despinoza* [Réplica das cartas de próprio punho de Benedictus Despinoza ainda conservadas em 1902], inseriu em suas *Erläuterungen* [Elucidações] a que redundaria na mais valiosa coleta de material, que também submeteu a forma de escrita de Spinoza a uma investigação (p. 6), e decidiu-se, em face da forma tradicional *Spinoza*, pela forma *Despinoza* como a correta. Além disso, Dunin-Borkowski realizou em sua abrangente obra *Der junge De Spinoza* [O jovem De Spinoza] (Münster 1910, p. 86 ss.) um novo estudo, no qual, com efeito, ele próprio declara a, aliás, **arbitrária e pouco justificável forma De Spinoza** como possível, com fundamento na autoridade do filósofo, ademais, após a última assinatura do mesmo, aceita a forma *Despinoza* como correta e em suas obras até mesmo assim procede. Agora, antes que a nova forma de escrita se legitime na pesquisa, para o qual já há sinais, parece apropriado submeter a questão a uma nova verificação, especialmente num momento em que não só uma doutrina, como também uma sociedade *ex ipso habeat vocabulum*.

A **precisão** da forma de um nome jamais pode ser objetiva, sempre tão somente subjetiva; ela pode receber sua confirmação exclusivamente daquele que usava esse nome.

As assinaturas de próprio punho do nome *Spinoza* que possuímos hoje (considerando uma preservada apenas como fac-similada) são ao

todo onze. A seguir se encontram as datas e as formas de escrita:

1. Data de Junho de 1662 – *Benedictus Spiñoza* (carta a Oldenburg);
2. E
3. Em 03 de agosto de 1663 – *B. d’Spinoza* e *B. de Spinoza* (carta a Meyer).
4. Em 13 de março de 1665 – *B. de Spinoza* (carta a Blyenbergh).
5. Em 03 de junho de 1665 – *B. de Spinoza* (carta a Blyenbergh).
6. Em 20 de novembro de 1665 – *B. de Spinoza* (carta a Oldenburg).
7. Em 21 de outubro de 1671 – *B. despinoza* (documento do tabelião Ennis).
8. Em 09 de novembro de 1671 – *B. despinoza* (carta a Leibniz).
9. Em 14 de dezembro de 1673 – *Benedictus despinoza* (carta a Graevius).
10. Em Julho de 1675 – *B. de Spinoza* (carta a Velthuysen).
11. Em 18 de novembro de 1675 – *B. despinoza* (carta a Schuller)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Uma décima-segunda assinatura de Espinosa poderá estar num exemplar de חמשה חומשי תורה *Quinque libri legis*. [Cinco livros da Lei] *Parisiis. Ex officina Roberti Strephani, typographi Regii. M.D.XLIII*, que pertence a Biblioteca Nacional em Berlim, encontrando-se na página de capa (reproduzida no artigo *Benedictus Spinoza Iif de Ernst Altkirch* na revista *Ost und West* [Oriente e Ocidente], Ano X, 1910, Sp. 79. Aqui consta o nome *Spinoza. Freudenthal (CONTINUA)*

\* Curso de Doutorado em Pesquisa Cerebral, *MAX-PLANCK INSTITUT FÜR HIRNFORSCHUNG*, Colônia/Alemanha.

\*\* Professor da Universidade Federal da Paraíba - UFPB e membro do GT BENEDICTUS DE SPINOZA - ANPOF 2012.

Dessas onze assinaturas se ressalta de interesse especial a primeira do filósofo aos 29 anos de idade. Ela mostra entre as letras *S* e *p* um indicativo, que possivelmente terá o significado de que as duas letras, na pronúncia, devem ser distinguidas. Um segundo sinal situa-se sobre a letra *n*, sem sombra de dúvidas trata-se do conhecido til ( $\sim$ ), que acrescenta ao *n* um som de *j*. O pai de Spinoza, *Michael Despiñoza*, utiliza em sua assinatura, a qual se encontra com frequência nos livros de documentos da comunidade portuguesa do ano de 1650, onde ele exercia a dignidade de um parnás, com muita frequência se encontra o primeiro sinal (trema) para, no nome próprio, manter separadas as letras *a* e *e* que normalmente seriam pronunciadas como *a* longo, enquanto que de forma idêntica, aplica o segundo sinal sobre o  $\tilde{n}$ . Então, não resta qualquer dúvida de que o nome *Spinoza*, assim como ele era pronunciado originalmente, se pronunciava *Spiñoza* ou *Despiñoza* (pronuncia-se: *Spinjosa*). Esse fato é significativo, pois a escrita *Despiñoza* é do português e não do espanhol. Em espanhol, “espinho” se diz *espina*, “espinhoso” é *espinoso* e “lugar espinhoso” se diz *Espinosa*, e a família proveniente de lá se intitula *de Espinosa* (já que o espanhol não conhece a contração). Ao contrário, em português, “espinho” se diz *espinho* (sendo que a letra *h* em combinação com a letra *n* induz o som de *j*, o que precisamente é expresso pelo til em cima da letra *n*), “espinhoso” é *espinhoso* e “lugar espinhoso” é *Espinhosa* e a família de lá proveniente (com a conversão promovida pelo português) *Despinhosa* ou *Despiñosa*. Assim, há coerência de que Spinoza como agora conhecemos do documento publicado pelo Dr. *Meijer* (acima, p. 21ss),

**(CONTINUAÇÃO DA NOTA 1)** (*Lebensgeschichte Spinozas* [História da Vida de Espinosa], Leipzig 1889, p. 276), *Altkirch* (a. a. O. Sp. 81) e eu mesmo (*Spinoza, Brieswechsel*, [Spinoza, Correspondência], Leipzig 1914, p. 338) não tivemos dúvida de que aqui se trata de um livro da biblioteca de Spinoza, embora não conste em seu inventário. Um novo exame mostrou-me, porém, que o registro feito naquela edição *Pentateuch* não decorre da mão de Spinoza, mas sim de um outro possuidor membro da família Spinoza. (A *Vereeniging Spinoza-Huis* há anos atrás também adquiriu um livro, que conforme registro pertenceu a um Spinoza). Por esse motivo, o registro só se presta para confirmar a anotação em si do nome *Spinoza* (sem o ‘de’).

originalmente usava o nome próprio *Bento* (Baruch era a forma sacra, que naturalmente foi empregada na fórmula da excomunhão). Entretanto, *Bento* é a forma portuguesa de escrever o nome *Benedictus*, enquanto a forma espanhola soa *Benito*. A escrita original do marrano português Spinoza se diz por esse motivo *Bento Despiñoza*. (Como espanhol ele se chamaria *Benito de Espinosa*). Ainda em 1662, ou seja, seis anos após a expulsão da sinagoga, Spinoza pronunciava seu nome em português, apesar da latinização do seu nome próprio de *Bento* para *Benedictus*.<sup>2</sup>

Se agora forem consideradas as outras formas de assinatura de Spinoza, poderia parecer que ele tenha realmente dado, nos anos 60, ao seu nome a forma latinizada de *B. de Spinoza* (como muito bem demonstra seu lacre criado àquele tempo com as letras BDS), que ele, em regra, tenha porém retornado nos anos 70 renovadamente à forma portuguesa *Despiñoza*. Porém em contrapartida, é preciso lembrar que, nos casos em que escreve o seu nome emendado, jamais escreve com *D*, mas sempre com *d*, ou seja, nunca desconsidera o caráter preposicional

<sup>2</sup> Dessa forma, decide-se ao mesmo tempo a não tão trivial questão da língua nativa de Spinoza, surgida a partir de sua observação na carta de *Blyenbergh* (Ep XIX), em que ele distingue o holandês, que ele escreve, da *taal, waarme eikop gebrocht ben* [língua, com a qual fui educado]. Land (*Over de uitgaven en den text der Ethica van Spinoza, in Verslagen en Mededeelingen der K. Akademie van Wetenschappen, Afd. Letterkunde, 2. Reeks, Deel XI, Amsterdam 1881, S. 13*) tinha pensado no hebraico. Os pais de Spinoza, entretanto, assim como toda a primeira geração de marranos imigrantes em Amsterdam, não entendiam nada ou muito pouco de hebraico. *Leopold* (*Ad Spinozae Opera Posthuma, Hagae 1902, p. 19ss.*) opina, que com isso, Spinoza quer pedir permissão para escrever em latim. Mas, obviamente queria Spinoza – que em holandês não se sentia completamente seguro (ele dispunha de um escritor de cartas em holandês) –, apenas apontar que o holandês não era sua língua-mãe, com o intuito de desculpar eventuais erros de linguagem, mas em nenhum momento, queria manter a correspondência em sua língua nativa. Sua língua-mãe era o português, a língua que se falava em *Vidiguera*, o lugar de nascimento de *Michael Despiñoza*, que de lá, via Nantes, chegou a Amsterdam e que foi educado na literatura espanhola (não muito distinto do português do que um dialeto). Quando ele meditava, servia-se da língua portuguesa ao longo de toda a sua vida; seu primeiro escrito ele redigiu em espanhol literário.

do *d*. Mas, de fato, essa circunstância não quer dizer que Spinoza, ao escrever o *de* com *Spinoza* de uma só vez, tenha fundido as duas palavras. Pelo contrário, era muito frequente no Século XVII, que na escrita se juntasse a preposição com a palavra por ela regida, o que naturalmente seria desconsiderado na impressão. Assim, escreve o próprio Spinoza na Ep. VI: *aquibus, aprima causa*, Ep. IX: *aquo, dequa, ame, apropositione, anobis*, etc., como se pode ver em inúmeras passagens das remanescentes cartas de próprio punho. Por esse motivo, devemos desfazer a ligação *despinoza* como sendo *de Spinoza*, como também se desfaz a ligação *dequa* como *de qua*.

Então, qual nome devemos dar ao Filósofo? Correto, mesmo que incomum, seria a forma *Despiñoza* conforme a primitiva forma portuguesa, enquanto que a forma *Despinoza* em não sendo nem espanhola nem portuguesa, seria considerada tão somente como resultante de uma mal entendida forma da ligação latina. A junção *de Spinoza* (sem o nome próprio) contradiz o costume de todas as línguas cultas, pois essas se utilizam da preposição tão somente para indicar o gênero ou o lugar de origem do que vem enunciado com o nome próprio, desse modo *Heinrich von Kleist, Honoré de Balzac, Miguel de Cervantes, Luiz de Camões*, mas os *Dramen Kleists* [Dramas *Kleists*] (e não *de Kleists*), *les oeuvres de Balzac* [as obras de Balzac], *Novelas de Cervantes, os Lusíadas do Camões*, como também *Benedictus de Spinoza*, mas *Philosophie Spinozas* (e não *de Spinozas*).

A decisão sobre se devemos eleger a forma de escrita portuguesa ou a latina foi prejudicada pelo próprio Spinoza, no momento em que ele, em 1663, na sua exposição sobre os princípios cartesianos deixou registrado como *per Benedictum de Spinoza Amstelodamensem* e em 1664, na tradução holandesa, conservou a forma latinizada, *door Benedictus de Spinoza Amsterdammer*. Quando deixamos de lado o nome próprio, a bem da verdade, a monumental forma *Spinoza* transmitida pela tradição é, em termos linguísticos, simultaneamente a mais correta.

Frankfurt am Main  
Carl Gebhardt

